A VOLTA DA TEORIA DO LOUCO

A imprevisibilidade estratégica funcionava quando era excepcional, mas hoje, em um mundo volátil e conectado, a "teoria do louco" perde sua força coercitiva ao se tornar previsível e desvinculada de objetivos claros.

Andrew Latham*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Tarifas estão em vigor, até que deixem de estar. O uso da força militar é uma opção… e depois é descartado. Comportamentos erráticos e imprevisíveis estão em voga nos círculos de política externa. Na Casa Branca e em outros lugares, aparentemente estão sendo vistos como um trunfo estratégico, não como uma fraqueza.

Mas essa estratégia está longe de ser nova. Ameaças desmedidas, mudanças repentinas de política e linguagem intencionalmente confusa são usadas há muito tempo para desestabilizar adversários e obter vantagem.

Na verdade, o conceito tem seu próprio nome nas relações internacionais: "teoria do louco". Conforme delineada pelos estrategistas da Guerra Fria Daniel Ellsberg e Thomas Schelling, ela defende que projetar uma prontidão para tomar medidas extremas pode influenciar os cálculos de um oponente, aumentando o temor de uma escalada.

Embora a teoria tenha sido concebida como explicativa, no sentido de que observadores a

utilizavam para explicar comportamentos aparentemente irracionais, ela às vezes tem sido usada de forma prescritiva, como uma abordagem adotada conscientemente por líderes.

AS TRÊS CONDIÇÕES PARA O SUCESSO DO LOUCO

A teoria do louco tem raízes históricas que remontam a Maquiavel, mas está mais intimamente associada a Richard Nixon, que, como presidente eleito, teria usado o termo para explicar sua abordagem na tentativa de forçar a rendição do Vietnã do Norte na Guerra do Vietnã.

Historiadores veem evidências da aplicabilidade limitada da teoria em episódios como o alerta nuclear imposto por Nixon em 1969 às forças armadas dos Estados Unidos, o que parece ter reforçado a cautela soviética, mesmo que não tenha levado ao fim da Guerra do Vietnã.

A teoria era mais aplicável na era Nixon devido a três condições contextuais presentes.

A primeira era a escassez de informações. Durante a Guerra Fria, os sinais viajavam mais lentamente do que hoje e por canais restritos. As mensagens eram filtradas por diplomatas profissionais, analistas de inteligência e oficiais militares.

A ambiguidade podia ser mantida. O líder de um país podia parecer possivelmente desequilibrado sem ser imediatamente decodificado, contextualizado ou analisado publicamente. A sinalização de “loucura” dependia dessa opacidade controlada.

A segunda condição era um adversário estável com uma noção compartilhada de risco. A estratégia de Nixon funcionou – quando funcionou –, porque os líderes soviéticos eram gestores de risco profundamente conservadores, operando dentro de uma hierarquia rígida. Eles temiam erros de cálculo porque acreditavam que isso poderia levar à queda da União Soviética – ou pelo menos à sua própria queda dentro dela.

A terceira condição era a credibilidade construída por meio da contenção em outras áreas. A postura de louco só funciona se for excepcional. Nixon parecia perigoso para os adversários justamente porque o sistema americano normalmente parecia controlado. Seu comportamento aparentemente errático era excepcional em um contexto de ordem burocrática.

Mas o mundo dessas três condições acabou.

Hoje, as ameaças são tuitadas, recortadas, reformuladas, vazadas, ridicularizadas e discutidas em tempo real. A imprevisibilidade não tem tempo de gerar medo público. Em vez disso, pode se transformar em ruído.

E nações como Irã, Rússia e China operam em um mundo que já consideram instável e

injusto. A volatilidade não os assusta; é o ambiente que esperam. Nessas condições, a aparente irracionalidade pode suscitar sondagens, cautela ou escalada recíproca.

Enquanto isso, o comportamento errático já não é excepcional nem inesperado.

MUITOS "LOUCOS" TERIAM DIFICULDADES HOJE EM DIA

A imprevisibilidade só funciona se for estratégica, e não improvisada. Trump bravateou, se contradisse publicamente, intensificou retóricas e depois recuou, na maioria das vezes sem obter concessões óbvias.

Quanto mais isso acontece, mais previsibilidade ele cria em relação à imprevisibilidade. E uma vez que a imprevisibilidade se torna esperada, ela perde sua força coercitiva.

Essa dinâmica é evidente na forma como Trump lidou com o Irã e a Groenlândia. No caso iraniano, a pressão – incluindo ataques militares – foi aplicada sem definir claramente onde a escalada terminaria.

Com a Groenlândia, as ameaças coercitivas dirigidas a um aliado apenas tensionaram a OTAN sem gerar conformidade.

Em nenhum dos casos a imprevisibilidade se traduziu em influência duradoura. Em vez disso, gerou incerteza quanto aos objetivos e limites.

Um problema ainda maior para qualquer líder que deseje adotar uma estratégia de "loucura" é que a ordem internacional e o ecossistema midiático atuais estão mais acostumados à volatilidade. As ameaças já não paralisam os oponentes, levando-os à cautela.

Nações amigas protegem seus investimentos. Por exemplo, diante das ameaças dos EUA em relação às tarifas, a Índia fortaleceu os laços com a China.

Enquanto isso, os inimigos testam os limites. A Rússia, por exemplo, interpretou a sinalização ambígua de Trump sobre a Ucrânia como pouco mais que um sinal verde para continuar sua campanha de conquista da região de Donbass.

A ESTRATÉGIA DO LOUCO TEM FUTURO?

Ainda existem circunstâncias limitadas em que a ambiguidade pode servir a um propósito estratégico.

A incerteza limitada sobre respostas específicas pode reforçar a dissuasão, mantendo os adversários cautelosos. A ambiguidade estratégica dos Estados Unidos em relação a Taiwan, por exemplo, deixa incerto se Washington interviria militarmente em caso de um

ataque de Pequim, desencorajando qualquer uma das partes a se comprometer com uma escalada automática.

Essa parte da abordagem do “louco” continua eficaz. Mas o que não funciona mais é a volatilidade desvinculada de objetivos claros e limites visíveis.

A teoria do “louco” foi construída para um mundo rígido e regido por regras. Ela é menos eficaz justamente onde a política atual parece mais caótica.

Publicado no The Conversation.

***Andrew Latham** é doutor em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos pela Universidade de York, em Toronto, Canadá. Foi diretor Adjunto do Centro de Estudos Internacionais e de Segurança da Universidade de York, em Toronto; pesquisador em Não Proliferação, Controle de Armas e Desarmamento no Ministério das Relações Exteriores e Comércio Internacional do Canadá; professor na Escola de Estudos Aeroespaciais das Forças Armadas Canadenses, em Winnipeg, Canadá; e associado sênior de Políticas no Ministério das Relações Exteriores do Canadá. Atualmente, é professor de Relações Internacionais no Macalester College, em Saint Paul, Minnesota. Publicou em revistas como The Hill, The Diplomat, Canadian Defence Quarterly, Public Discourse, First Things, RealClearDefense, Genealogies of Modernity, Providence, Touchstone, Ethika Politika e Crisis.*